

Heavy Metal Made in Minas Gerais: a construção de um movimento headbanger em Belo Horizonte na década de 1980¹

Heavy Metal Made in Minas Gerais: the construction of a headbanger movement in Belo Horizonte in the 1980s

Leonardo Henrique Alves de Lima Nascimento²

Gleyber Eustáquio Calaça Silva³

Alexandre Magno Alves Diniz⁴

Júlia Calvo⁵

Resumo

O presente estudo analisa como se deu o processo de formação da cena *heavy-metal* em Belo Horizonte ao longo da década de 1980, verificando como os aspectos sociais locais contribuíram para o surgimento e evolução do gênero na capital mineira. O trabalho baseia-se em entrevistas elaboradas junto aos membros das bandas protagonistas da cena e levantamento de publicações sobre o tema no jornal **Estado de Minas**. Os resultados indicam que o *heavy-metal* de Belo Horizonte conciliou as características da cidade com aquelas do próprio movimento, dando origem a uma construção cultural específica, que daria à metrópole mineira o título de capital sul-americana do metal extremo.

Palavras-chave: *Heavy-metal*. História. Belo Horizonte.

Abstract

The present study analyzes how the process of formation of the heavy-metal scene took place in Belo Horizonte during the 1980s, verifying how the local social aspects contributed to the emergence and evolution of the genre in the capital of Minas Gerais. The work is based on interviews elaborated with the members of the bands protagonists of the scene and collection of publications on the subject in the newspaper Estado de Minas. The results indicate that the heavy metal of Belo Horizonte reconciled the characteristics of the city with those of the movement itself, giving rise to a specific cultural construction that would give the metropolis of Minas Gerais the title of South American capital of the extreme metal.

¹Trabalho resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica financiada pela CAPES por intermédio da FAPEMIG, junto ao programa PROBIC.

²Graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: leonardoh95@hotmail.com

³Graduado em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: gleyber3001@gmail.com

⁴Doutor em Geografia pela Arizona State University, Professor do Programa de Pós Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: alexandremadiniz@gmail.com

⁵ Professora Adjunta IV da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e pesquisadora do Instituto Histórico Israelita Mineiro. E-mail: juliacalvo1@gmail.com

Keywords: Heavy-metal. History. Belo Horizonte.

Introdução

O *heavy-metal*, enquanto gênero musical, estilo de vida ou atitude, é interpretado como sujeito histórico, ou seja, está compreendido nos processos históricos no qual se encontra inserido, modificando e sendo modificado pelas circunstâncias. Além disso, reflete, é refletido e impacta nas conjunturas socioculturais em cada espaço e tempo em que se constitui. . Apesar de sua incontestável notoriedade e abrangência, o *heavy-metal* tem sido pouco estudado no âmbito da academia, o que implica em lacunas, carência de fontes e bibliografias sobre o tema. Não há, por exemplo, um consenso sobre a origem do movimento *headbanger*⁶, lacuna esta que tem suscitado calorosos debates entre fãs, mídia especializada e, até mesmo, músicos, justificando a necessidade da sistematização de fatos e acontecimentos, que auxiliem o resgate da sua evolução histórica, especialmente aquela relacionada ao *heavy-metal* brasileiro e mineiro.

As versões sobre as origens do *heavy-metal* apontam para três bandas – Led Zeppelin, Deep Purple e Black Sabbath –, porém para parte considerável do público *headbanger*, o primeiro disco autenticamente de *heavy-metal* seria o homônimo Black Sabbath, lançado em 1970. Essa perspectiva não desconsidera, no entanto, a existência de músicas gravadas por outras bandas com sonoridade tão pesada quanto aquela presente no álbum Black Sabbath, porém, sem a mesma relação indenitária com os marcos estéticos que caracterizam o gênero.

Em relação ao espaço, todas as versões concorrentes relacionam a origem do *heavy-metal* à Inglaterra, coincidências que sugerem a existência de um conjunto de condicionantes favoráveis ao nascimento do gênero naquele país. A sociedade Inglesa se encontrava alicerçada política e economicamente em propostas neoliberais, em decorrência do início do declínio produtivo inglês da década de 1960, fato que será acentuado pela crise do petróleo de 1973 em virtude de sua dependência da matriz energética estrangeira. Este ideal viria a ser reafirmado logo a seguir por dois ícones da política mundial: Margaret Hilda Thatcher (primeira-ministra do Reino Unido, de 1979 a 1990) e Ronald Reagan (presidente dos EUA, entre 1981 e 1989). Concomitantemente, no campo financeiro o capitalismo, com suas crises

⁶ Headbangers são os adeptos do grupo ligado ao gênero musical Heavy Metal, podendo ser também chamados de metaleiros e até metalheads, categorização que envolve tanto os agentes de produção musical quanto os consumidores.

cíclicas com acentuação cada vez maior das desigualdades, se consolidava como modelo econômico vigente, tendo em vista que seu único opositor na luta pela ordem mundial se enfraquecia, fato corroborado pela queda da URSS, em 1991.

Nesse cenário, surge no setor fabril de Birmingham um grupo musical composto por jovens insatisfeitos com sua situação e que buscavam, a *priori*, uma distração, um escape, uma fuga de todo aquele ambiente desalentador. Ambiente ainda influenciado por correntes conservadoras que haviam colocado o próprio *rock'n'roll* em crise com seu público nos anos de 1960s, por se tornar um movimento artificial com letras desinteressantes, ao contrário de outrora quando o estilo exercia importante crítica aos costumes impostos. Tem-se, então, o início da jornada do Black Sabbath, cuja influência ainda hoje se faz evidente.

O *heavy-metal* faz parte de um grande movimento de contestação que vigia no mundo ocidental desde o fim dos anos 1960s, mas não era uno nesse cenário. No período em que o mundo passava por inquietações que não se restringem apenas ao espaço inglês, local de origem do *heavy-metal*, são emblemáticos da época os movimentos de Maio de 1968, na França, Woodstock em 1969, nos Estados Unidos, e no Brasil, o Tropicalismo – movimentos que compartilham o espírito de contestação e rebeldia da juventude.

As motivações por trás desses movimentos de contestação estavam nas insatisfações em relação à sociedade conservadora, nacionalista, capitalista e exploratória então vigente. Esse movimento também possuía forte ligação ecológica, que coincide com uma crise sem precedentes à época, com a crescente consciência da finitude dos recursos naturais advinda da crise do petróleo dos anos 1970s. Some-se a isso o reposicionamento em relação ao pensamento religioso tradicional e cristão, de que a natureza foi criada para os desígnios do homem, sendo crescente a influência de religiões alternativas, orientais, ou autóctones, traduzidas em uma abordagem diferente sobre a função da natureza em relação à sociedade como é o caso do movimento *hippie* que congregará essas características.

Desse contexto emerge o *heavy-metal*, que se difundiu por todo o planeta, matizado de tons obscuros e temáticas relacionadas à guerra, fome, apocalipse, destruição, ocultismo e outros temas sombrios. Faz-se, portanto, necessário ressaltar que apesar de compartilharem parte das mesmas insatisfações, os movimentos *hippie* e *heavy-metal* se distinguem significativamente. O *heavy-metal* aparece como resposta à dissonância entre o ideal *hippie* de paz e amor e a dura realidade então vivenciada pelos jovens (SIRINO, 2012, p. 42). A guerra do Vietnã causara milhares de mortes e vivia-se sob a constante ameaça de uma hecatombe

nuclear, fundada no acirramento da guerra fria travada entre soviéticos e norte-americanos em meados dos anos 1960. Com isto, ao invés de canções *hippies*, exaltando o amor ao próximo e debatendo dilemas morais da existência humana, o *heavy-metal* trouxe uma visão menos romântica, mais pessimista dos fatos, contemplando em suas produções as temáticas citadas que serão abordadas mais adiante quando a musicalidade deste último movimento será discutida.

Apesar das discussões acerca da banda responsável pela gênese do *heavy-metal*, é ponto pacífico que o gênero sofreu diversas influências, tendo galvanizado na sua estética referências de outros gêneros musicais. O primeiro a ser destacado é a música erudita, cuja virtuosidade, complexidade e riqueza inspiram, especialmente, os solos de guitarra do gênero em questão. Não se podem ignorar as referências diretas aos 24 Caprices de Niccolò Paganini presentes na obra de Yngwie Malmsteen; ou, ainda, a influência de Antônio Lucio Vivaldi em Edward Lodewijk Van Halen; e de Ludwig van Beethoven em Wolf Hoffmann. Nota-se a presença marcante desses compositores eruditos nas obras do *heavy-metal*, mas a influência da música erudita não se resume ao universo das composições instrumentais. É prática recorrente entre os vocalistas de bandas de Metal a adoção de técnicas de canto da ópera, cujos precursores foram os ingleses Bruce Dickinson, do Iron Maiden; e Rob Halford, do Judas Priest.

Do *Blues*⁷, o Metal recebeu a base para a composição de Riffs⁸ e letras evocando temas relacionados às forças do mal, ao ocultismo e à devassidão, aspectos considerados verdadeiros tabus entre as sociedades conservadoras, dominadas pela religiosidade cristã. Como fruto direto dessas influências, emanadas principalmente dos Estados Unidos, merece destaque a voz alta e rouca de Howlin' Wolf, elementos que justificam o seu nome artístico. Outro exemplo das referências ao *Blues* pode ser encontrado no canto de Ian Fraiser Kilmister, *frontman* do Mötörhead, em Whorehouse Blues, no qual o *riff*, letra e timbre vocálico, são alusões diretas ao gênero norte-americano.

Mas o Metal também recebeu influência do *jazz*⁹, um dos estilos musicais mais técnicos e ecléticos, especialmente no quesito percussão. Os bateristas Bill Ward, do Black Sabbath, e "Philthy Animal" Taylor, do Mötörhead, são exemplos desse cruzamento entre *jazz*

⁷ Blues é um gênero musical criado por descendentes de africanos no sul dos Estados Unidos aproximadamente no fim do século XIX.

⁸ Riffs são uma combinação de acordes tocados repetidamente ao longo da música.

⁹ Jazz é um gênero musical criado New Orleans, sul dos Estados Unidos.

e *heavy-metal*, adotando marcações rápidas e pesadas, às vezes coléricas. Por fim, destaquem-se as referências derivadas do som elétrico do *rock'n'roll*, com a adoção de amplificadores e distorções, largamente utilizados no *heavy-metal*. Mas além da sonoridade, este gênero também incorporou *rock* daquele o espírito rebelde e contestador.

Observa-se, então, que o *heavy-metal* é um amálgama de influências musicais fundidas sob o calor dos processos sociais, políticos e econômicos vigentes nos anos 1970 e 1980, geradores de uma sonoridade marcante: um autêntico gênero musical. Por essa razão, considera-se o *heavy-metal* não apenas um subgênero do *rock*, mas um gênero musical próprio, com inúmeras especificidades e dotado de seus próprios subgêneros.

A disseminação do *heavy-metal* pelo globo se deu de forma extensiva, tendo sido organizada por Gustavo Dheinem (2009) em duas etapas, marcadas pelo antagonismo dos movimentos de importação e exportação das produções ligadas ao gênero. Os anos 1970s e 1980s foram caracterizados por fluxos originados nos países desenvolvidos na direção dos subdesenvolvidos, pautados na importação maciça das produções ligadas a cenas originadas, sobretudo, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Essa produção foi extensamente consumida e paulatinamente adaptada à realidade dos países subdesenvolvidos pelos fãs de *heavy-metal*, dando origem a novas formas de expressão e subgêneros com identificação própria, fortemente marcados por características regionais como mais adiante analisaremos no caso brasileiro. O segundo momento, iniciado nos anos 1990s e que ainda hoje perdura, tem sido marcado por fluxos originados nos países subdesenvolvidos na direção das nações desenvolvidas. É nessa fase que ganha destaque o *heavy-metal* belo-horizontino, elemento central das discussões deste artigo.

O metal no Brasil

Esta seção versa sobre o contexto histórico, a gênese e a evolução do *heavy-metal* no Brasil ao longo dos anos 1980. Trata-se de momento marcante para a explosão do *rock* e do *heavy-metal* em solo nacional, ainda que no exterior o gênero já tivesse algum reconhecimento e uma considerável trajetória.

O Brasil dos anos 1980 não tramitava à parte do cenário político-social mundial, muito pelo contrário, estava inserido nele de forma enfática. Quando se fala desse período, a primeira coisa que vem à mente é a ditadura instaurada em 1964, que foi marcada pela censura, atos institucionais, repressão e abusos de poder. Porém, cabe destacar que os anos

1980 compreendem o processo de distensão do regime, iniciada em 1974 por Ernesto Geisel (1974-1979) e aprofundada por João Figueiredo (1979-1980), que culminou no fim do regime em 1985. A abertura¹⁰, como denominada a transição controlada para a democracia, não escondeu as tensões sociais, políticas e econômicas, mas permitiu o desenho de um contexto mais tolerante à entrada de mercadorias e ideias estrangeiras, principalmente aquelas relacionadas ao âmbito cultural.

A partir da importação de conteúdo estrangeiro, deu-se a incorporação de forma mais intensa dessas influências externas, fato que alguns setores da mídia nacional da época definiram como a “americanização da cultura brasileira”. Na esteira desses acontecimentos, surgiram algumas bandas que estouraram nos anos 1980s, como os Titãs, Capital Inicial, Kid Abelha, Herva Doce e Blitz. Como um desdobramento desse processo, também chega às terras brasileiras o *heavy-metal*, ainda que nem os próprios *headbangers* da época tivessem noção disso, pois, inicialmente, não havia consenso nem tampouco preocupação em relação à necessidade de distinção do que era pop, *rock*, *heavy-metal* ou *rock'n'roll*. Tudo o que se sabia nesse tempo era que algo novo havia surgido no seio dessa nova e variegada onda sonora: o *heavy-metal*.

Porém, o evento responsável pelo reconhecimento e popularização do gênero *heavy-metal* no Brasil foi a realização da primeira edição do *Rock In Rio* (RIR), em 1985. O evento jogou luzes sobre o Metal brasileiro ao mostrar aos integrantes da cena, que à época operavam de forma isolada, desconexa, desarticulada e marginal, a existência de uma numerosa comunidade. Some-se a isso o fato de que o festival representou a primeira chance que os fãs de *heavy-metal* tiveram de presenciar de perto, de forma concentrada e intensa, vários de seus ídolos.

Ressalte-se, no entanto, que apesar de sua inegável importância, o *Rock in Rio* não inaugura algo novo, pois shows de grandes bandas internacionais já haviam ocorrido no Brasil, como, por exemplo, o Van Halen em 1982. O contato entre fanzines também já existia e algumas bandas já compunham repertórios próprios, como são os casos das bandas belo-horizontinas Sagrado Inferno, Overdose e Sepultura. Por sua vez, a importância do evento encontra-se na construção da consciência que o festival gerou entre os adeptos do Metal

¹⁰ Apesar de se constituir como Abertura, se trata de um período polêmico em que há o retorno pluripartidarismo (desde 1979), discussão da Lei da Anistia, ampliação da sociedade civil e movimentos em prol do retorno democrático que convivem com a permanência do AI-5 e da violência institucionalizada, fazendo esse conceito parte de um momento transitório na história brasileira.

brasileiro sobre si mesmos, fato que levou à popularização e à criação de uma comunidade dotada de grande senso de solidariedade, atitudes e comportamentos próprios.

O evento também recebeu grande cobertura midiática, uma vez que os veículos de comunicação perceberam um grande filão mercadológico no gênero musical, passando a dispensar atenção sem precedentes ao *heavy-metal*, tanto de forma positiva, quanto negativa. A cobertura do RIR por parte da Rede Globo foi emblemática, fato que de um lado lançou luzes sobre os *headbangers* em rede nacional, mas também acabou por rotulá-lo como um grupo alienado e massificado, surgindo nas transmissões a terminologia "metaleiro" para definir os membros da cena, o que posteriormente será ressignificado pelos próprios *headbangers* para designar os aficionados não aceitos no grupo. Esses adjetivos muitas vezes pejorativos foram amplamente empregados pelos veículos de comunicação em referência a todas as novidades culturais vindas do exterior, especialmente o *heavy-metal*. O estranhamento dos setores conservadores da sociedade em relação aos metaleiros¹¹ era notório, mesmo entre parte dos jornalistas que durante a cobertura do mega-evento insistiam em questionar os músicos ao longo das entrevistas sobre questões relacionadas ao satanismo e ocultismo, ignorando a música, fato que gerou respostas jocosas por parte dos músicos entrevistados.

A mídia belo-horizontina fez a cobertura do *Rock in Rio* de forma igualmente polarizada. Enquanto alguns colunistas optavam por enaltecer a presença dos grandes artistas internacionais no Rio de Janeiro, outros preferiram fazer ácidas críticas ao *heavy-metal*. No jornal Estado de Minas, era comum alguns jornalistas designados para a cobertura do evento escreverem que o RIR representava um evento alienador responsável por introduzir a cultura hegemônica dos países centrais, negando aos jovens brasileiros a "brasilidade", desvirtuando a nossa cultura nacional, já deixando explícito um embate entre a recepção de novos agentes exógenos e membros de uma corrente nacionalista brasileira. Vale ressaltar que no mesmo período em que o *heavy-metal* chega ao território brasileiro, o movimento da MPB já estava enfraquecido (AVELAR, 2011) e outros gêneros musicais competiam por espaço, como o baião, o samba e o sertanejo. Ouvir *heavy-metal* no lugar desses gêneros musicais brasileiros

¹¹ Palavra inaugurada pela cobertura da Rede Globo para designar os adeptos da comunidade *headbanger*, e que posteriormente dentro da cena seria utilizada para designar os membros menos identificáveis e aceitos ao movimento.

era considerado por muitos como a negação do país e sua cultura, como pode ser observado no trecho da matéria “Ciranda e modinhas, em vez de *Rock*”, assinado por Hélio Fraga.

É muito bom quando a gente descobre que ainda há, no Brasil, resistências a este tipo de alienação, de invasão cultural, de imposição de valores que não estão identificados com nossa terra, nosso povo, nossa índole, nosso jeito de ser... A esta invasão estudada e maciça do “rock”, a esta música que nunca foi a arte de combinar os sons de forma agradável ao ouvido, às manifestações de histeria ou demência, ao vocabulário tão pobre e tão fútil de uma parcela da juventude de hoje, nós devemos contrapor uma resistência através da defesa intransigente de nossos valores culturais. Não podemos deixar que o Brasil se americanize também (FRAGA, 1985, p.7).

Outro aspecto que levou muitos a se posicionarem contrariamente ao *heavy-metal* foi o fato de o RIR ter acontecido pouco antes da edição do Carnaval de 1985, na ilustre “Cidade do Samba”, no Rio de Janeiro, que, por conta do evento, acabou por receber, ainda que momentaneamente, o título de “Cidade do *Rock*”.

Graças ao *Rock in Rio*, o *heavy-metal* já não poderia mais ser ignorado no Brasil, que seguiu recebendo atrações internacionais e assistindo à multiplicação das bandas nacionais e do número fãs. Mas nessa conjuntura, uma cidade se destacaria como celeiro de bandas que passariam a gozar de renome internacional – Belo Horizonte – a cidade que futuramente passaria a ser considerada entre os *headbangers* como capital sul-americana do Metal Extremo.

O *heavy-metal* em Belo Horizonte

Para entender o *heavy-metal* belo-horizontino, faz-se necessário entender as características fundantes da cidade, que foram determinantes para a gênese e evolução do movimento *headbanger* local. Para tanto, voltemos ao século XIX em que a capital mineira surgiu a partir de um planejamento urbano e político que congregava a noção de uma nova cidade para um novo tempo. Inaugurada em 1897, já no período da república, trazia um planejamento geométrico e moderno de inspiração positivista, em que se “professavam a utopia de se traçar com régua e o compasso uma ordem social harmônica, unitária, onde não haveria lugar para a chamada desordem urbana” (JULIÃO, 1992, p. 52). Trazia, assim, uma dupla lógica: a primeira, de caráter político nacional, com a construção de uma ruptura com o período imperial soando as trombetas da aurora republicana e a segunda da noção de

perfeição modernizante, trazendo consigo a ideia de racionalização característica do *zeitgeist* do século XIX.

A cidade foi apresentada, dessa forma, como capital simbólica da república e traduzia um aspecto cosmopolita, de princípios racionais e modernizantes. Apresentou-se com linhas modernas e cartesianas para alocar funcionários, militares, clero e trabalhadores que migravam de outros cantos para a cidade e encetando a construção de ruas largas, edifícios firmes e esculpidos em concreto. Belo Horizonte contava também com uma divisão espacial simbólica, que separava os grupos sociais em categorias e ordenava a cidade do ponto de vista físico e social. Portanto, em sua gênese, a cidade abriga um ideal racionalizador que com relação ao espaço urbano se desdobra em uma distribuição espacial dos setores como, por exemplo, as áreas hospitalar, administrativa e comercial.

Entretanto, apesar do ideal moderno que estava no desenho das planilhas dos construtores, a cidade de Belo Horizonte vivenciava a tensão entre o novo e o antigo, a vanguarda e a tradição, característica que acompanha todo o desenvolvimento urbano em suas diversas faces, inclusive a cultural que neste trabalho é a que mais nos é cara.

Quanto a esse campo, muito se alterou com a influência estrangeira durante a modernidade brasileira (1930-1980) e, principalmente, após o início do fenômeno da globalização, trazendo sons e ritmos então considerados exóticos e conformando uma cultura musical plural e rica harmoniza com outra característica da urbanização principalmente aspecto urbanizador das cidades na América Latina que é “reforçando a idéia de um processo de modernização exógeno, delineado por interesses externos” (PARREIRAS, 2001, p. 52). Nessa pluralidade sonora, o *heavy-metal* encontra ambiente profícuo para o seu desenvolvimento, porém não sem a resistência dos setores mais conservadores da sociedade local. Têm destaque entre aqueles que se pronunciaram de forma contrária às novidades trazidas pelo *heavy-metal* mineiro alguns intelectuais que haviam vivenciado direta ou indiretamente os movimentos sociais e políticos ao longo da ditadura, incluindo as ‘Diretas Já’ e a luta contra a repressão por meio de movimentos culturais como a Tropicália e o Cinema Novo.

Esses intelectuais acalentavam o ideal de que a MPB (Música Popular Brasileira) fosse o canal de vazão da energia e da vontade de contestar a ordem vigente por parte da juventude mineira. No entanto, a comunidade jovem local não reconhecia no gênero essa possibilidade, encontrando-se sedenta por algo novo, que fosse mais rápido, agressivo e compatível com os

seus anseios. Aos olhos desses intelectuais, a musicalidade do *heavy-metal* produzida no período era uma ofensa à brasilidade, como pode ser observado na coluna abaixo, publicada pelo jornal **Estado de Minas**, sem a especificação do autor, intitulada **A violência do rock silenciou a inspiração junina**.

A música junina começou a se enfraquecer a partir do início dos anos 50, quando as guitarras e as ensurdecedoras baterias americanas e inglesas assaltaram os ouvidos brasileiros. Era a constatação jovem que chegava, consequência dos seis anos de Grande Guerra, absorvida fácil pela nossa mocidade. A música (melhor, o som) violenta do *rock* e assemelhados se transformaram num consumo de extensão tremenda, anulando quase a zero toda a manifestação brasileira de cantar as belezas espirituais dos santos festeiros: Santo Antônio, São João e São Pedro (ESTADO de MINAS, 1982, p. 8).

Valores calcados na religiosidade cristã, fortemente arraigada no tecido cultural belo-horizontino, inspiravam as principais frentes anti-*heavy-metal*, pois ao longo da pesquisa nota-se que a crítica assídua acerca desse novo gênero se dava mais pelo que ela representava do que um apelo nacionalista, tendo em vista que há registros de enaltecimento de uma cultura erudita voltada para a música Clássica, *Blues* e *Jazz*, voltados para composições estrangeiras interpretadas por isógenos. Essa resistência, no entanto, foi exacerbada pela dessacralização da parte das bandas de *heavy-metal* locais, nacionais e internacionais de símbolos religiosos. A capa do icônico álbum *Bestial Devastation*, do Sepultura, ilustra esse aspecto, trazendo um demônio que abraça uma igreja (figura 1). Em seu livro *My Bloody Roots*, Max Cavalera um, um dos membros fundadores da banda, explica a história por trás da imagem:

O cara que a pintou vinha de uma família de Adventistas do Sétimo Dia, bastante religiosa. Na casa dele, a televisão ficava virada para a parede, para que ninguém pudesse assistir: o seu pai era um maluco, super religioso, e a mãe também. Mas o garoto era um ótimo artista: ele costumava pintar camisas com as capas de álbuns de bandas como Kreator, Voivod e Slayer, que ficavam exatamente iguais às originais. Pedimos a ele que fizesse a arte. Ele aceitou, mas não nos disse que, naquela época, o único horário em que podia pintar era às três da manhã, quando todos estavam dormindo. Ele tirava as tintas de baixo da cama e trabalhava no meio da madrugada, depois guardava tudo e retomava na noite seguinte. Levou uma semana até que terminasse. Perguntei se alguém tinha descoberto, já que o seu pai o teria matado, mas ele disse que se safou numa boa (CAVALERA, 2013, p. 44).

Figura 1: Capa do Álbum *Bestial Devastation*



Fonte: Encyclopedia Metallum.

A Religião, como agente hegemônico, é traço marcante da cultura mineira, que corrobora com a tradição vigente a partir do âmbito do público e do privado, que integrará uma espécie de mineiridade. Portanto, o movimento *heavy-metal* na cidade apresentou uma ruptura com o modelo religioso, que se apropriou das formas de sociabilidade religiosas, pondo em contraposição gerações distintas.

Em outra direção, destaque-se que o mundo moderno é marcado por uma construção imaginária de comunidade onde, em nome de todo o bem que se supõe que essa mesma possa oferecer, incluindo a segurança, abre-se mão da própria liberdade ou de parte dela, gerando-se uma tensão entre a segurança e a liberdade e, portanto, uma relação entre a comunidade e a individualidade, o público e o privado. É como um preço a ser pago pelo privilégio de fazer parte de algo maior.

Esse senso de pertencimento definirá o espírito da comunidade *headbanger*, gerando relativa unidade e solidariedade entre os seus membros. Esse sentimento de grupo foi tão forte, que chegou a gerar embates físicos, visando assegurar a existência territorial do movimento *heavy-metal*. O fragmento da entrevista com Paulo Caetano, membro da banda Witchhammer, relata um episódio no bairro Cidade Nova em 1985, em que os *headbangers* entraram em embate físico com os denominados *playboys*¹². Ao longo do tempo, o motivo original pode perder-se, mas durante este trabalho o recolhimento de informações sugere que a macro motivação esteja relacionada a não aceitação de um grupo pelo outro. Nesse caso específico, a motivação se deu pela territorialização da comunidade do Metal na zona sul da cidade, sendo rechaçada pelo grupo que ali já se encontrava. Como resultado desse episódio, além de garantir o direito àquele espaço, a comunidade *headbanger* tornou-se ainda mais coesa e solidária: –

Isso garantiu pra sempre, um respeito, uma tranquilidade [...] se a gente não tivesse feito aquilo, a cena de metal de BH, muito do reconhecimento dela passa por esses rituais de passagem. Porque quem viveu aquilo sabe que foi transformador das relações. A gente se reconheceu como grupo (CAETANO, 2017).

Comunidade pressupõe, assim, conforme Zygmunt Bauman, “o compartilhamento entre os seus membros, um acordo tácito, um compromisso, um pacto de autoproteção, um manifesto existencial, um sentimento recíproco e vinculante, a partir da vontade real e própria daqueles que se unem” (BAUMAN, 2003, p. 15-17), como é o caso do movimento *headbanger*.

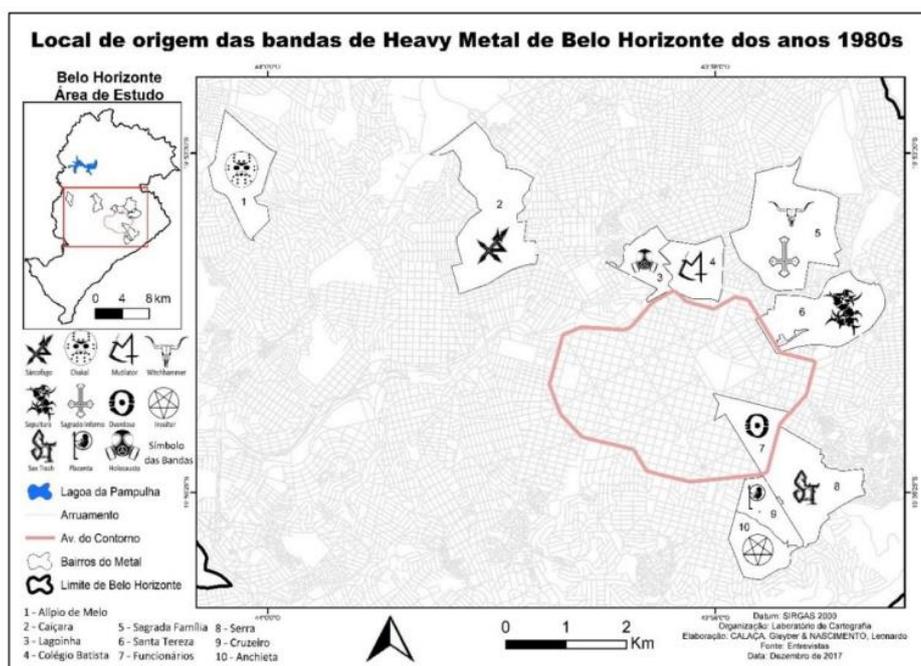
No que tange às funções dos equipamentos urbanos da capital mineira e seu papel na consolidação do movimento *heavy-metal*, nota-se o papel importante cumprido por alguns núcleos comerciais, que eram verdadeiros pontos de encontro dos *headbangers*. Lugares de memória onde se davam concomitantemente a venda de mercadorias e a prestação de serviços diversos, alguns especializados em produtos ligados à cena, mas, para além disso, havia nesses ambientes trocas sociais intensas entre os membros da comunidade *heavy-metal*. Destacam-se nesse sentido algumas lojas de disco – Cogumelos Discos e Fitas em especial – em torno das quais os *headbangers* gravitavam, compartilhando experiências, socializando músicas, notícias sobre as bandas do gênero e shows.

¹² Palavra para designar jovens de condição aquisitiva privilegiada, membros de outro grupo dotado de práticas de sociabilidade distintas.

Uma vez encerrado o horário comercial, os *headbangers* se deslocavam em grupo na direção aos bares na porção Centro-Sul da cidade, principalmente aqueles localizados no bairro Savassi citado anteriormente. Como resultado dessa apropriação espacial, houve diversos conflitos entre *headbangers* e “*playboys*”, tendo em vista que a Savassi representava um ponto de encontro natural de diversas tribos, motivada pela presença de bares, restaurantes, lanchonetes e cinemas, mas ainda assim se fazia uma localidade substancialmente elitizada.

Nesse tocante da elitização dos espaços, a condição financeira dos *headbangers* da época se faz relevante à compreensão da cena, uma vez que a maior parte dos membros do gênero musical residia em bairros pericentrais (Mapa 01), locais onde boa parte das bandas de *heavy-metal* dos anos 1980 se originaram. Usualmente, essas bandas eram compostas por integrantes que residiam em locais relativamente próximos uns dos outros, sendo comum que os membros das bandas morassem nos mesmos bairros, ou estudassem nos mesmos colégios. Houve casos, inclusive, de membros de uma mesma família comporem as mesmas bandas, como são os casos do Sepultura e Mutilator.

Mapa 01: Origem das Bandas



Fonte: CALAÇA; DINIZ; NASCIMENTO, 2017.

Naturalmente, o poder aquisitivo dos integrantes das bandas impactou as formas de acesso às produções internacionais, que geralmente chegavam por meio de parentes ou de viagens ao exterior, e, posteriormente, se disseminavam de forma viral, por meio da reprodução em fitas k7. A falta de condições materiais relatadas pelos músicos ao longo da pesquisa se deve principalmente ao fato de o movimento *headbanger* dos anos 1980 ser formado por jovens e adolescentes que ainda não possuíam renda própria, e quando possuíam era suficiente, apenas, para a aquisição de alguns LPs (*Long Plays*) e ingressos de shows.

Outra forma de contato com a produção estrangeira de *heavy-metal* se fazia por intermédio de exposições de vídeos de shows ou clipes de músicas, sendo os locais onde essa prática se dava de forma recorrente o ICBEU (Instituto de Cultura Brasil Estados Unidos), o Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Minas Gerais (DCE UFMG) e a Cogumelo Records, este último local de maior identificação da cena. Mas nem todas as formas de sociabilidade dos *headbangers* eram presenciais. Nos anos 1980 era comum, como dito acima, a circulação de fanzines¹³, não somente dentro do espaço delimitado por Belo Horizonte, mas também em outros municípios do entorno e, até mesmo, de outros estados, havendo uma integração entre as regiões e formando uma comunidade em nível nacional.

Outro fator que favoreceu a conformação da cena foi que, no fim anos 1970, Belo Horizonte já passava pela consolidação da RMBH (Região Metropolitana de Belo Horizonte), e isso significava uma maior integração socioeconômica entre a capital e outros municípios do entorno, fomentada pelo “milagre econômico” a que o país passava, que implicou em um maior volume de trocas e interações, impactando os adeptos do *heavy-metal* diretamente.

Houve por parte das organizações governamentais uma série de intervenções, que visavam a uma maior integração entre as várias regiões da cidade. No fim dos anos 1980, já havia na cidade uma perceptível intensificação dos movimentos intraurbanos, com relação direta com a cena. Exemplo disso foi a banda Chakal, que ensaiava no bairro Alípio de Melo e em outros locais da região de Venda Nova, inclusive, fora dos limites de Belo Horizonte. O deslocamento até esses locais se dava por meio do uso do transporte coletivo, que passava por transformações importantes desde o início da década. Esse aspecto da transformação urbana e sua relação com o movimento *headbanger* são elucidados na fala de Paulo Caetano:

¹³ Publicação não oficial produzida por fãs ou entusiastas de determinado assunto.

As bandas, a formação delas foi sendo impactada por essa cidade que começava a se reconhecer dessa forma mais cosmopolitana [...] As bandas começaram se desterritorializar, no bairro e começaram a se sentir bandas de Belo Horizonte e não mais bandas do Sagrada Família, Floresta, ou Santa Tereza (CAETANO, 2017).

Conclusão

Belo Horizonte, com suas características sociais provincianas muito ligadas à religiosidade cristã, colaborou para o surgimento de um novo grupo social nos anos 1980, que trouxe em seu gene o espírito da criação da cidade. Um espírito de vanguarda que buscou romper com o antigo, opondo-se à tradição, mas se valendo de práticas quase sagradas para se alcançar essa finalidade, lançando luzes a uma ritualística quase litúrgica nas formas de comportamento da cena. Práticas que podiam ir desde os encontros nas lojas todos os fins de semana, até as reuniões para ensaios que se desdobravam noite adentro nos botecos da cidade.

Percebe-se ao longo da pesquisa que a cidade não influenciou a formação da cena apenas com a imposição de sua mentalidade de província e arraigada à religião, mas, também, com a sua estrutura urbana e seus equipamentos públicos e privados, que passaram a favorecer o desenvolvimento gradativo de um comportamento típico. Destaquem-se, ainda, as formas de apropriação do espaço urbano pela comunidade, que ao longo do tempo desenvolveu e diversificou um *modus operandi* baseado na produção musical e em dinâmicas de circulação por pontos específicos da cidade, por exemplo. Esses pontos ajudaram a forjar a identidade *headbanger* da cidade, inspirando ainda hoje forte apego e nostalgia relacionados aos áureos tempos do *heavy-metal* de Belo Horizonte que ganhou a alcunha de Capital sul-americana do metal extremo.

A compreensão da comunidade do *heavy-metal* na cidade contribui para que sejam lançadas luzes em um grupo cultural *sui generis* socialmente excluído, cuja existência está baseada na permanência de práticas urbanas que se desdobram na construção de uma identidade ligada ao espaço e que passa por paulatinas transformações. O *heavy-metal* se constitui um objeto de estudos fascinante e pouco explorado, assim como outros grupos que carecem de compreensão, como, por exemplo, os *punks*, moradores de rua, a comunidade do *funk*, entre outras, tornando-se um solo fértil para explorações com viés da história cultural que futuramente pode se debruçar sobre novos dados acerca do desenvolvimento do gênero posterior a década de 1980 e até outras espacialidades.

Referencias:

AVELAR, Idelber. **Figuras da violência: Ensaio sobre narrativa, ética e música popular.** – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: A busca por segurança no mundo atual.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p.15-17.

CALVO, Júlia. **Entre Fazer a América e Construir a Cidadania: os judeus em Belo Horizonte nas primeiras décadas do Século XX.** Tese defendida no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Orientadora: Dra. Léa Guimarães Souki. Co-Orientador: Dr. Tarcísio Rodrigues Botelho. Belo Horizonte, 2014 (não publicada). Disponível em <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/CiencSociais_CalvoJ_1.pdf>.

_____. Belo Horizonte das primeiras décadas do século XX: entre a cidade da imaginação à cidade das múltiplas realidades. In.: **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 14, n. 21, out. 2013.p.p. 71-93.

CIRINO, Caio. **Heavy Metal Brasil na década de 1980: a rebelião headbanger nos subterrâneos da modernidade.** 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2012.

COELHO, Patrícia. **Batendo cabeças: educação estética e política tecidas a partir do Heavy Metal.** 2014. Dissertação (Mestrado em Educação).

CAETANO, Paulo. Entrevista concedida a Leonardo Henrique Alves de Lima Nascimento; Gleyber Eustáquio Calaça Silva. São João Del Rei, 9 jun. 2017.

CALAÇA, Gleyber Eustáquio; NASCIMENTO, Leonardo Alves; DINIZ, Alexandre Magno. Na trilha do metal: a construção de territorialidades das bandas de heavy metal em Belo

Horizonte nos anos 1980 / On metal tracts: the construction of territorialities of heavy metal bands in Belo Horizonte during the 1980s. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 28, n. 54, p. 650-673, jul. 2018. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/17939>>. Acesso em: 03 set. 2018.

CAVALERA, Max. **My Bloody Roots**. Rio de Janeiro: Agir, 2013, p. 44.

DHEIN, Gustavo. **A besta que se recusa a morrer: identidade, mídia, consumo e resistência na subcultura heavy metal**. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2009.

DA SILVA, Bernard. **Mundo metálico belenense e política cultural: declínio e reorganização do heavy metal paraense (1993-1996)**. 2014. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

DAYRELL, Juarez. **Juventude, Grupos Culturais e Sociabilidade**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

ENCYCLOPEDIA METALLUM. **The Metal Archives**. Disponível em: <<https://www.metal-archives.com>> Acesso em set. 2016.

ESTADO de Minas. A violência do *rock* silenciou a inspiração junina. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 10 de jun. de 1982, p.08.

FRAGA, Hélio. Ciranda e Rodinhas. **Estado de Minas**, Belo Horizonte. 1985 p.7

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o Breve Século XX**. (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

JULIÃO, Leticia. **Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920)**. Dissertação apresentada no curso de mestrado do Programa de pós Graduação em Ciência Política da

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da UFMG. Orientadora: Carla Maria Junho Anastasia, 1992. p52.

JANOTTI JR., Jeder. **HEAVY METAL: o Universo tribal e o espaço dos sonhos**. 1994. Dissertação (Mestrado em Multimeios) - Universidade Federal de Campinas, Campinas, 1994

PAIVA, Eduardo França (org). **Belo Horizonte: histórias de uma cidade centenária**. Belo Horizonte: Faculdades Integradas Newton Paiva, 1997.

PARREIRAS, Elisabeth Guerra. Belo Horizonte: uma economia de serviços. In.: **Cadernos de História**. Belo Horizonte: V.8, N. 10, jul-dez/2006. p.p. 110-121.

_____. Cidades da América Latina: Modernas ou modernizadas. In.: **Cadernos de História**. Belo Horizonte: out/1997. p.p. 49-56.

TUAN, Yi-Fun. **Espaço & Lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

VILLAÇA, Flavio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp, 2012.

VH1's Heavy: **The Story of Metal**. Direção de Michael John Warren. Nova Iorque: VH1, 2006.